

**Procedimentos com os modelos de ação: a leitura dramática de *A peça didática de Baden Baden sobre o acordo*.**

Francimara Nogueira Teixeira Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA  
Doutoranda – Dramaturgia, História e Recepção – Or. Profa. Dra. Antonia Pereira Bolsa  
CAPES (SETEC/IFCE) Professora da Licenciatura em Teatro - IFCE

Resumo: O jogo com as peças didáticas pressupõe o entendimento da problemática social por parte de quem propõe a atividade (Koudela, 1991). Dessa forma, como parte da minha pesquisa prática, venho elaborando exercícios e testando procedimentos com o grupo Teatro Máquina (Fortaleza-CE), visando encontrar estratégias de apropriação para essas peças. Uma delas, a que descrevo e analiso aqui, é a leitura dramática. Para isso uma revisão bibliográfica do projeto teórico das peças didáticas brechtianas tem sido feita, articulada com a reflexão de seus principais comentadores (Benjamin, Barthes, Bornheim, Wekhwerth) e atualizada com a discussão sobre as tensões forma-conteúdo na cena contemporânea (Lehmann, Wirth, Koudela). O texto-modelo utilizado foi *A peça didática de Baden Baden sobre o acordo*.

Palavras-chave: peça didática, modelo de ação, procedimentos, leitura dramática.

Para um melhor entendimento do que trato aqui como procedimentos técnicos para a abordagem de um texto-modelo da tipologia dramática das peças didáticas, preciso problematizar a noção de modelo de ação. Dessa forma acredito poder oferecer meios para uma leitura da minha prática melhor balizada pela apresentação e esclarecimento dos conceitos que lhes dão suporte.

Na pesquisa que realizo no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, iniciado em 2009, investigo, fundamentalmente, procedimentos de encenação, a partir da experimentação com as peças didáticas como modelos de ação, numa tentativa de rever o projeto brechtiano, atualizando-o por meio do jogo e da apropriação performática de suas proposições. Ingrid Koudela, a principal responsável pela divulgação desse projeto brechtiano no Brasil a partir de sua prática e da leitura de Steinweg, discute a dimensão contemporânea e reflexiva das peças didáticas, ao solicitar que o tratamento a elas possa, a partir da sua caracterização como fase experimental da obra de Brecht, qualificá-las dentro do arsenal mais amplo de contribuições desse projeto. Ela afirma que:

Apontar para o caráter experimental dessa dramaturgia não significa efetuar sua relativização, mas sim uma qualificação que permite discernir as contribuições específicas que as 'sugestões' de Brecht são capazes de trazer, justamente a partir da sua radicalidade (KOUDELA, 1991:10).

Se na teoria das peças didáticas, Brecht já prevê o uso dos textos como dispositivos para a experimentação e para o jogo e não para sua encenação, temos aqui, ao que tudo indica, uma chave importante para esse aporte crítico, por meio da proposição

desses textos como material de contato, discussão e criação em um trabalho em grupo, a partir das questões que cada texto traz.

A investigação cuidadosa do termo modelo de ação encontra nessa tradução em português a divulgação científica do termo alemão *Handlungsmuster*. É curioso como justamente o exercício de discutir a tradução desse termo trouxe a necessidade de examinar com mais profundidade os escritos específicos de Brecht sobre as peças didáticas, que não são muitos e que se encontram quase totalmente traduzidos nas citações feitas por Ingrid Koudela no seu livro *Brecht: um jogo de aprendizagem* (1991).

O jogo com as peças didáticas pressupõe o entendimento da problemática social por parte de quem propõe a atividade, para que quem a jogue possa entrar em contato com o tema de discussão. Dessa forma é importante problematizar a noção de modelo de ação, para que o entendimento do texto como modelo possa ser expandido. A palavra modelo é controversa, mas é a que tem sido usada no contexto da pesquisa sobre as peças didáticas como tradução da palavra alemã *Muster*, que, entre outras acepções, é sinônimo também de padrão, desenho, amostra, protótipo, exemplo.

Precisamos compreender o texto da peça didática como modelo na perspectiva ampliada de protótipo, como algo em construção; estruturado, mas aberto e não na rigidez que a palavra modelo acaba trazendo em sua primeira definição. O texto está aberto ao experimento e permanece por meio da ideia de moldura predeterminada.

O trabalho inicial com os textos das peças didáticas pode formalizar-se por meio dos procedimentos de leitura de dramática e improvisação. A leitura dramática é ao mesmo tempo aproximação e revisão do modelo, porque, na sua prática, podem ser examinados a intertextualidade, a forma narrativa, a história dentro da história, os personagens-figura. O princípio da improvisação como norma para o exercício com o texto pressupõe a modificação do modelo – elaboração do material existente - não ficando restrita ao modelo oferecido pelo texto. Esse procedimento é fundamental na atualização do texto para que o atuante o relacione à sua própria experiência. Brecht é enfático quando afirma que a imitação pressupõe modificação, porque já contém em si a crítica.

Um dos procedimentos que encontramos como indicações ao tratamento com as peças didáticas é o de detalhar a totalidade da fábula em unidades menores. Dessa totalidade, deveríamos poder extrair um gesto básico para as demais composições, para que o gesto pudesse operar pelo menos em duas frentes: como interrupção da lógica do pensamento linear, como modificador do conteúdo da fala, movimentando-se contra a expressão verbal, expondo-se de forma ainda mais explícita, porque se daria na negação/oposição do que lhe faz par (Koudela, 2009).

Os textos dos *Lehrstücke* exigem, como nos demais textos brechtianos, uma composição cênica que trabalhe na alternância entre identificação e estranhamento. No jogo

com a peça didática ocorre uma identificação intelectual/emocional e física. Sem essa identificação não há possibilidade de imitação de atitudes. A interação necessita da participação de todos, não há espectadores, já que todos são leitores e atuantes que se revezam e se assistem. É justamente a consciência do processo de interação que instaura o processo de conhecimento. Cabe ao atuante atualizar o texto e relacioná-lo à sua própria experiência. Desse processo de aproximação vão sendo definidos os gestos e a construção poética. As peças didáticas, pela sua forma, geram método para a investigação das relações dos homens entre os homens e para um trabalho em teatro que se ocupe, fundamentalmente, de falar de teatro, ensinando e aprendendo.

Sabendo que o jogo com as peças didáticas pressupõe o entendimento da problemática social por parte de quem propõe a atividade, para que quem a jogue possa entrar em contato com o tema de discussão, venho elaborando exercícios e testando procedimentos com o grupo Teatro Máquina<sup>1</sup>, na tentativa de encontrar estratégias de apropriação dessas peças. Uma delas, a que quero aqui descrever, é a leitura dramática.

Entendo a leitura dramática como primeira forma de aproximação ao texto e aos seus conteúdos. E, principalmente, onde se estrutura o primeiro exame do modelo. A leitura dramática como prática criativa é organizada com imagens e interferências sonoras (no caso de *A peça didática de Baden Baden sobre o acordo* utilizei o barulho de aviões de guerra como sonoridade e ambiência para a projeção de imagens que faziam referências às cenas do texto escrito). Em *Baden Baden*, Brecht discute a questão se o homem ajuda o homem como peça-resposta ao que é posto em *O vôo sobre o oceano*.

A leitura de *Baden Baden* foi estruturada seguindo a sequência das dez cenas e tomando as rubricas e títulos como indicação das intenções de fala na leitura. A primeira etapa foi reunir os verbos. São eles: relatar, falar, responder, investigar, adiantar, apresentar, gritar, rir, rasgar, recusar, ler, discutir, perguntar, examinar, dirigir, tirar, levar, desapropriar, enaltecer, apontar, cercar. Diante desses verbos, estruturamos uma leitura dramática, em que a leitura em si valia para cada um e também criava uma situação coletiva, associada às imagens e à sonoplastia. Cada ator lia o texto seguindo os verbos e as intenções que acreditava poder dar a eles junto do texto. As variações nas intenções na mesma cena criavam tempos diferentes de leitura e concretizavam as imagens de coro indicadas no texto, sem a necessidade de organizar o coro formalmente.

---

<sup>1</sup> Teatro Máquina é um grupo sediado em Fortaleza-CE, que dirijo desde 2003. Nosso principal interesse é trabalhar o teatro como lugar de revisão de si mesmo, expondo suas chaves e trabalhando com o exame de seus elementos. O teatro épico-narrativo tem sido um grande inspirador, por sua versatilidade estrutural. Em seu repertório, os espetáculos *Quanto custa o ferro?*(2003), *Leonce e Lena* (2005), *O Cantil* (2008), *Répéter* (2009) e *João Botão* (2010).

Essa etapa é fundamental para o que tenho chamado de procedimentos técnicos de exame do modelo das peças didáticas. O procedimento seguinte a este trata de investigar as estratégias de reescrita eleitas pelo autor (novos personagens, intertextualidade, forma narrativa, história dentro da história). Assim podemos partir para a imitação de atitudes por meio da cópia e da crítica da cópia, com a descrição do gesto e a demonstração da reversibilidade entre causa e efeito como princípios que norteiam a atividade seguinte, na qual solicito ao grupo envolvido que crie/improvise livremente uma cena ou situação, em que cada um possa expressar a atualidade daquele modelo.

Os resultados revelam uma clara aproximação com a linguagem da performance, também pelo caráter de evento irrepitível. Lehmann (2009) chega a fazer uma aproximação do projeto das peças didáticas com uma certa pré-história da performance, pelo que é possível ver como antecipação dessa linguagem, pela estrutura aberta do texto como dramaturgia e como projeto de abordagem e experimentação via improvisação.

Walter Benjamin esclarece que “a peça didática se destaca como um caso especial essencialmente porque a peculiar pobreza do aparelho simplifica e aproxima o intercâmbio do público com os atores e dos atores com o público. Cada ator poderá tornar-se coadjuvante” (1987, p.38). Assim também se insere a pesquisa de Andrzej Wirth (2009), que defende que os textos dos *Lehrstücke* possam ser lidos como *libretti* e que possam ser interpretados em seus aspectos formais (vocais, musicais, coreográficos). Os textos assim são apreendidos em seus conteúdos (como tese ou como experiência) e reelaborados pelo grupo a cada nova composição.

Koudela (1991) nos fala sobre a tarefa social da peça didática, que seria a de ensinar de forma subterrânea, refinada, instigante. A forma desse processo não está dada, é preciso inventá-la em cada experimento com essas peças, que contêm em si o dispositivo para tal, como chaves para um novo ensinar e aprender.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. *Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BENJAMIN, W. *Tentativas sobre Brecht*. Madrid: Taurus, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- Brecht. ADE Teatro Revista de la Asociacion De Directores De Escena De Espana N°70-71 Octubre, 1998.
- BRECHT, B. Atitude do diretor (dentro do método indutivo). *Revista Vintém*: Companhia do Latão. São Paulo, n°6, p. 31-32, 1º semestre de 2007.

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre teatro*. Trad. Fiama Pais Brandão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teatro completo em 12 volumes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. *Schriften zum Theater*. Gesammelte Werke (15 bis 17). Frankfurt a.M.: SuhrkampVerlag, 1967.

BORNHEIM, G. *Brecht: a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1992.

GAGNEBIN, J. M. Prefácio. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

D'ANGELO, Martha (orgs.). *Walter Benjamin: arte e experiência*. Rio de Janeiro: Nau; Niterói, RJ: EdUFF, 2009.

GUINSBURG, J; FERNANDES, S (orgs.). *O pós-dramático*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KOUDELA, I.D. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. *Um vôo brechtiano: teoria e prática da peça didática*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo, Editora Perspectiva: 2001.

\_\_\_\_\_. (org.) Heiner Müller. *O Espanto no Teatro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: LEHMANN, H-T. *A escritura política do texto teatral*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LEHMANN, H-T. *A escritura política do texto teatral*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.

OLIVEIRA, L. S. de; D'ANGELO, Martha (orgs.). *Walter Benjamin: arte e experiência*. Rio de Janeiro: Nau; Niterói, RJ: EdUFF, 2009.

PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RAMOS, L. F. Pós-dramático ou a poética da cena. In: GUINSBURG, J; FERNANDES, S. (orgs.). *O pós-dramático*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TDR: The Drama Review 43.4, Winter, 1999.

TEIXEIRA, F.N. *Prazer e crítica: o conceito de diversão no teatro de Bertolt Brecht*. São Paulo: Annablume, 2003.

WEKWERTH, M. *Diálogo sobre a encenação*. São Paulo: Hucitec, 1997.

WIRTH, A. The Lehrstück as performance. TDR: The Drama Review 43.4, Winter 1999.